

*Iconografia*

# Iconografia



# Toré Atikum: Etnofotografia do “Encantamento”\*

Marcos Alexandre dos Santos Albuquerque\*\*  
Waleska de Araújo Aureliano\*\*\*

## Entrando na mata: o “nascimento” de Atikum

Este ensaio fotográfico foi realizado na noite de 19 de junho de 2004 na área indígena Atikum, no alto da Serra do Umã, localizada na cidade de Carnaubeira da Penha, sertão de Pernambuco. Os Atikum iniciaram o movimento pelo reconhecimento de sua identidade de indígenas em 1940 junto ao Serviço de Proteção aos Índios (SPI) como meio de reverterem a grilagem de suas terras por parte da elite política da região. Em 1949 é erguido o posto indígena Atikum na serra do Umã, mas só na década de 1990 é que suas terras são demarcadas. A área Atikum tem cerca de 20 aldeias e 15.276 hectares e a sua população excede os 4.000 habitantes (Peti, 1993).

Para que fossem reconhecidos como indígenas junto ao SPI, os Atikum tiveram que exibir o toré, prática ritual que o órgão indigenista considerava como o atestado da *indianidade* dos grupos da região nordeste do Brasil (Grünewald, 2002, 2003; Oliveira, 1993). Os Atikum não conheciam essa prática, quando iniciaram seu movimento pelo reconhecimento da área e foram aprendê-la com o povo indígena Tuxá da cidade de Rodelas, às margens do rio São Francisco, Bahia. Com os Tuxá, os Atikum também aprenderam a preparar a *Jurema*, bebida sagrada que está presente nos trabalhos espirituais de vários grupos indígenas do nordeste brasileiro. A *Jurema* é feita das raízes de um arbusto com o mesmo nome e bebida no toré. É a *Jurema* que permitiria o contato com o mundo dos espíritos, com os *Encantos* da mata e com os ancestrais do grupo. Mesmo quando a representação do sagrado não envolve a ingestão da *Jurema*, ela está presente nos toantes que são cantados e socialmente ela repercute na reprodução do ser índio e na construção da religiosidade própria à etnia.

\* Fotos por Waleska de Araújo Aureliano. As mesmas foram apresentadas no ensaio fotográfico “Toré Atikum – movimento encantado de Aldeia”, que recebeu o Prêmio do Júri Oficial no Concurso de Fotografias do “I Festival Alagoano de Fotografia e Filme Etnográficos”, realizado durante o I Encontro de Antropologia Visual em Alagoas (2005).

\*\* Doutorando em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). marcosdada@yahoo.com.br.  
\*\*\* Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande/ Universidade Federal da Paraíba (UFCG/UFPB). waureliano26@yahoo.com.br.



Entrando na mata: o “nascimento” de Atikum

## Os *Encantos* da Jurema e do toré

O toré e a *Jurema* surgem oficialmente como tradição Atikum na década de 1940, século XX, durante o processo de etnogênese da comunidade indígena (cf. Grünewald, 2002, 2003). O ritual do toré constituiu-se na principal prática religiosa do grupo Atikum. Através dele os Atikum entram em contato com os *Encantos* (entidades sobrenaturais). Estes formam a principal parte do panteão religioso do grupo, que se soma ao catolicismo popular. Os *Encantos* se apresentam na *irradiação* – a incorporação sutil da entidade e a visão do plano espiritual. Este contato com o universo dos *Encantos* renova a vitalidade do grupo e de sua identidade de índios ao reatualizar duas coisas: a memória dos antepassados, chamados de *bravios*; e a luta pela terra por meio do reconhecimento, pelo SPI (hoje Fundação Nacional do Índio – FUNAI), de sua identidade de indígenas.

O resultado do movimento nas fotos foi proposital, buscando corresponder ao real movimento dos índios (do corpo, da espiritualidade, da luta pela terra e pela identidade). No movimento surge o “encantamento” da *Jurema* e dos *Encantos* da mata que dançam nos torés Atikum e que de certa forma ficaram sugeridos na distorção das imagens registradas.



Os Encantos da Jurema e do toré

## Poética da Identidade

Até os anos 1940 os Atikum eram chamados de *caboclos* e se distinguiram da população vizinha por uma rede interna de relações (casamentos, lavoura comum, práticas religiosas e lúdicas próprias, e outros). O movimento pelo reconhecimento por parte do Estado brasileiro desta diferença - judicialmente índios - que se originou da luta contra a grilagem de suas terras desdobrou-se para algo mais que uma simples demanda econômica. Quando o SPI exigiu a dança do toré, “acabou por renovar abertamente esse xamanismo [da *Jurema* como saber indígena pré-contato colonial] recolocando os *caboclos* novamente dentro de um sistema cosmológico esquecido na luta pela sobrevivência imposta pela colonização” (Grünewald, 2003, p.37).

É este mesmo saber que é atualizado no toré realizado pelo menos uma vez por semana. Por este evento a comunidade constitui simbolicamente o seu maior laço, pois é aí que toda uma genealogia de pessoas se apresenta também como o encontro de heranças de luta em pelo menos três momentos: na memória do sofrimento e resistência dos *bravios*; no ponto de retomada histórica de uma nova identidade a partir da luta dos mais velhos nos anos 1940; e, contemporaneamente, com a revitalização do passado como condição do devir. Há muitos torés na área indígena Atikum. Este que está aqui registrado foi conduzido pelo pajé Augusto Gustavo de Oliveira a pedido do professor Rodrigo Grünewald, aos quais agradecemos o convite e a oportunidade de conhecer e registrar os *Encantos* do povo Atikum.



Poética da Identidade



## Referências

GRÜNEWALD, Rodrigo de A. A Jurema no “Regime de Índio”: O Caso Atikum. In: MOTA, Clarice Novaes da; ALBUQUERQUE, Ulisses P. de (Orgs.). *As muitas faces da Jurema: de espécie botânica à divindade afro-indígena*. Recife: Bagaço, 2002.

\_\_\_\_\_. Sujeitos da Jurema e a “Ciência do Índio”. In: LABATE, B.; GULAR, S. (Orgs.). *Uso ritual de plantas de poder*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.

OLIVEIRA, João Pacheco de. A Viajem da volta: reelaboração cultural e horizonte político dos povos indígenas do Nordeste. In: *Atlas das terras indígenas do Nordeste*. Rio de Janeiro: PETI/PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1993.

PETI. *Atlas das Terras Indígenas do Nordeste*. Rio de Janeiro: PETI/PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, 1993.

**Recebido em 22 de agosto de 2006.**

**Aprovado para publicação em 29 de agosto de 2006.**

